

OS CLÁSSICOS E A TRADUÇÃO LITERÁRIA EM *CENTOPAGINE* DE ITALO CALVINO

Andréia GUERINI*
Tânia Mara MOYSÉS**

- **RESUMO:** O objetivo deste estudo é apresentar a tradução literária dos clássicos que constam do projeto editorial *Centopagine* (1971-1985), dirigido pelo escritor italiano Italo Calvino (1923-1985) para a editora Einaudi de Turim, e destacá-los como instrumento essencial para a criação de um cânone. Trata-se de “romances breves” ou “contos longos”, escritos preponderantemente por grandes autores do século XIX.
- **PALAVRAS-CHAVE:** Tradução literária. Clássicos. Cânone. *Centopagine*. Italo Calvino.

“Si dicono classici quei libri che costituiscono una ricchezza per chi li ha letti e amati; ma costituiscono una ricchezza non minore per chi si riserba la fortuna di leggerli per la prima volta nelle condizioni migliori per gustarli.”
(CALVINO, 2001e, p. 1817)

Sólido, estrela, direção. A geometria, a astronomia e a óptica parecem mover as sugestões de Italo Calvino (1923-1985) para a escolha do título da nova coleção Einaudi que dirigirá por quase quinze anos (1971-1985), como atesta na carta de 6 de outubro de 1969, escrita de Paris para Giulio Einaudi, o presidente da editora Einaudi:

*Caro Giulio,
Con ritardo mi ricordo che non t’avevo comunicato i nomi che avevo pensato per la nuova collana letteraria.
I poliedri
Supernovae
Azimut
Ciao,
Calv. (CALVINO, 2001a, p. 1061).*

* UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina – Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis – SC – Brasil. 88040-970 – andrea.guerini@gmail.com

** UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina – Pós-Graduação em Estudos da Tradução. Florianópolis – SC – Brasil. 88040-970 – taniamoyses@uol.com.br

Além do *background* familiar que acompanha Calvino na alquímica transformação de rigor científico em liberdade literária (como atestam seus livros *Le cosmicomiche* (1965/1984) e *Ti con zero* (1967)), no ano dessa carta, o filho de cientistas encontra-se em plena frequência ao OULIPO – Ouvroir de Littérature Potentielle, fundado em 1960, a partir das ideias do matemático François Le Lionnais e do literato Raymond Queneau. Calvino já traduzira *Les fleurs bleues* de Queneau em *I fiori blu* (1967), e é o escritor francês quem o apresenta aos outros membros, todos envolvidos com a literatura potencial, ou seja, com propostas e realizações de obras literárias com estruturas matemáticas.

A experiência oulipiana resultará na trilogia da narrativa combinatória calvinina (*Le città invisibili* (1972), *Il castello dei destini incrociati* (1969/1973) e *Se una notte d'inverno un viaggiatore* (1979)), mas o nome escolhido para a nova coleção Einaudi será bem menos **científico**, ou, melhor dizendo, será bem mais **bibliognóstico**: dois anos depois da carta, vem à luz a coleção *Centopagine*, com o subtítulo “*Collezione di grandi narratori diretta da Italo Calvino*”.

Como nota Franco (1998, p. 100), “[...] *come sempre in Einaudi, i nomi più fantasiosi vengono alla fine ridotti ad una concretezza artigianale ('Centopagine') che tende a renderli più efficaci meno criptici e più memorabili per il lettore: un 'Centopagine' lo si vede sul banco o nello scaffale, una supernova meno*”. Além disso, para editora, que se encontra em um bom momento empresarial (bem diferente da crise que a assolará nos anos 1980, tanto que Calvino se verá, pesarosamente, obrigado a deixá-la em 1983, dois anos antes de sua morte), é importante empreender uma estratégia de vendas com o nome de Calvino no subtítulo:

Una precisa funzione programmatica assume anche il sottotitolo [...], che, citando espressamente il nome del direttore – scrittore e intellettuale noto – offre una seria “garanzia”, e, definendo “grandi” gli scrittori proposti, individua un ambito editoriale bem preciso, nel quale “grande” vale anche “classico” (CADIOLI, 1993, p. 145).

O texto de apresentação, embora da autoria de Calvino, vem anonimamente divulgado em um folheto anexado aos primeiros quatro títulos (1971). No texto, hoje incluído em *Saggi 1945-1985* (CALVINO, 2001b), com o título “*Una nuova collana: i 'Centopagine' Einaudi*”, ele alerta para que o nome não seja levado ao pé da letra:

[...] ogni volume darà un romanzo compiuto e le pagine potranno essere anche centocinquanta o duecento, o magari solo novanta; più che sulla dimensione il criterio di scelta si baserà sull'intensità d'una lettura sostanziosa que possa trovare il proprio spazio anche nelle giornate meno distese della nostra vita quotidiana (CALVINO, 2001i, p. 1718).

É nesse ponto que se entrelaçam dois aspectos importantes para a realização de *Centopagine*: o primeiro é a ideia de **clássico**, segundo Calvino; o segundo interliga o instrumento essencial para a concretude do projeto calviniano com os nossos objetivos: a **tradução literária dos clássicos de Centopagine**.

A linha editorial de *Centopagine* repercute a epígrafe deste artigo, isto é, a segunda definição de clássico, proposta por Calvino no ensaio “Italiani, vi esorto ai classici”, publicada pelo jornal *L’Espresso* em 28 de junho de 1981 (portanto, no décimo ano de existência da coleção) e hoje constante de *Saggi*, com o título “*Perché leggere i classici*” (CALVINO, 2001e, p. 1816-24).

Nesse ensaio, de apenas cinco páginas, há mais de trinta referências bibliográficas, que vão de Heródoto (c.484 a.C.– 425 a.C.) a Cioran (1911-1995), mas, entre os italianos, Calvino reconhece que Giacomo Leopardi (1798-1837) é o único citado, talvez um efeito da “explosão da biblioteca”: a celeridade dos novos tempos leva à impossibilidade de se propiciar aos jovens uma educação clássica como foi a de Leopardi na biblioteca paterna.

É coerente que seja Leopardi o único italiano citado, tratando-se do clássico por excelência ao qual Calvino tributa a fonte de aprendizado para a tessitura da própria obra, conforme revela em seu epistolário, como na carta de 16 de julho de 1984 (portanto escrita no ano anterior à sua morte), destinada a Giorgio Manganelli: “*Tante volte ho pensato che non potrei spiegare – per esempio a uno straniero – la grandezza di L. e che cosa rende le Operette un libro unico e perché non ci si sazia mai di leggerlo [...]*” (CALVINO, 2001a, p. 1521).

É importante esclarecer que a fonte geratriz de *Le operette morali* (1824-1832) é o *Zibaldone di pensieri* (1817-1832), o qual contém potencialmente a obra de Leopardi, cuja influência é o fundamento das lições¹ sobre **leveza**, **rapidez** e **exatidão** (GUERINI, 2007, p. 48-9) que, com as sobre **visibilidade**, **multiplicidade** e **consistência** (essa permaneceu no rascunho), seriam apresentadas nas Norton Lectures na Harvard University, no ano letivo 1985-1986, o que infelizmente não aconteceu, pois a morte o colheu em plena preparação dos textos sobre os **valores a salvar em literatura**, que hoje constituem o seu livro-herança, *Lezioni americane, Sei proposte per il prossimo millennio* (1988, póstumo):

La mia fiducia nel futuro della letteratura consiste nel sapere che ci sono cose che solo la letteratura può dare coi suoi mezzi specifici. Vorrei dunque dedicare queste mie conferenze ad alcuni valori o qualità o specificità della letteratura che mi stanno particolarmente a cuore, cercando di situarle nella prospettiva del nuovo millennio (CALVINO, 2001d, p. 629).

¹ Usamos o termo **lição** com o significado de **conferência**, **palestra**, **aula** ao qual remete o correspondente termo italiano *lezione*.

A confiança nesses valores decorre também de muitas leituras e estudos: como leitor, Calvino muito aprendeu com Leopardi que, não obstante a dolente e solitária vida pessoal, conseguiu marcar definitivamente a literatura italiana como autor, tradutor e leitor que exerceu também a crítica, quando se referia às traduções de clássicos gregos e latinos traduzidos ao italiano e como se pode observar em muitas de suas cartas.

Em *Perché leggere i classici*, Calvino (2001e, p. 1823-4) caracteriza a explosão da biblioteca com a extinção da educação clássica nos moldes da recebida por Leopardi, devido à dizimação de velhos títulos e à proliferação de novos, nas literaturas de todas as culturas modernas, e sugere o procedimento para lidar com a situação:

Non resta che inventarci ognuno una biblioteca ideale dei nostri classici; e direi che essa dovrebbe comprendere per metà libri che abbiamo letto e che hanno contato per noi, e per metà libri che ci proponiamo di leggere e presupponiamo possano contare. Lasciando una sezione di posti vuoti per le sorprese, le scoperte occasionali.

A ideia de biblioteca ideal e individual afirma o reconhecimento de uma mobilidade para o cânone literário, que podemos registrar como uma contribuição de Calvino para a crítica literária, com os consequentes efeitos no campo da tradução literária. Nesse caso, Calvino pode ser situado em uma linha crítica cujo “[...] *imperativo è salvare la letteratura [...] dalla drastica riduzione che essa subisce nella società dei consumi, basata sul potere ipnotico dell’immagine, sulla presenza spettacolare o sulla notorietà del nome*” (MUZZIOLI, 2005, p. 213). O valor dos clássicos se situa na esfera do testemunho e da memória literária, com a qualidade intrínseca da contínua renovação pela leitura das novas gerações, pois, como lembra Calvino (2001e, p. 1823), em sua 14ª definição, “[...] *è classico ciò che persiste come rumore di fondo, anche là dove l’attualità più incompatibile fa da padrona*”.

Poderíamos dizer que a concepção de *Centopagine* está resumida no ensaio *Perché leggere i classici* e ampliada em *Lezioni americane: sei proposte per il prossimo millenio*. Neste último, por meio do diálogo de Calvino com os 147 clássicos que lhe fundamentam a reflexão sobre os valores a salvar em literatura. Embora a intensidade da leitura resulte da fruição individual, nada impede que a futura recepção possa ser intuída por aquele que a oferece ou indica, com base na sua própria experiência com **livros lidos e amados**. Sobretudo, quando se trata de Calvino, escritor renomado do século XX, traduzido em várias línguas, considerado um leitor de primeira linha, como bem o define Ferretti (1998, p. 79):

Calvino privato lettore, Calvino lettore-saggista e lettore-recensore. Calvino lettore-editore, il lettore ideale di Calvino, l’ideale calviniano di lettore, il

lettore Einaudi che Calvino contribuisce a formare, l'immagine di sé che il Calvino editore vuol dare al lettore del Calvino autore, il lettore di Calvino, il lettore come oggetto delle riflessioni di Calvino, i personaggi-lettori nelle opere di Calvino: non è davvero facile trovare un altro autore del Novecento nel quale le avventure del lettore (definizione quasi inevitabile) vengano intessendo una così fita ed estesa rete di esperienze varie e di reciproche relazioni.

No *Zibaldone*, Leopardi (1991) trata com antecipação temas que seriam estudados por teóricos da tradução do século XX, o que permite afirmar que, como profundo conhecedor da obra de Leopardi, não teria passado despercebida a Calvino a importância dessas ideias sob o ponto de vista teórico, sobretudo porque, como revela em suas cartas e ensaios, inteirava-se também das teorias surgidas na efervescência cultural da segunda metade do século XX, que levariam os estudos da tradução a tomarem fôlego como disciplina.

A partir de 1945, a correspondência epistolar de Calvino (inclusive como instrumento de trabalho na Einaudi) se desenvolve *pari passu* com a sua grande produção ensaística e, por meio de ambas, ele critica, estuda e analisa tanto os **seus** textos quanto os **dos outros** à luz dos fenômenos históricos, sociais, políticos, literários e culturais de sua época. Os dois livros que constituem o epistolário calviniano, *Lettere 1940-1985* e *I libri degli altri: lettere 1947-1981* (CALVINO, 2001a, 1991), somam 1.303 cartas *d'autore* (locução adjetiva italiana usada para indicar que o remetente é “um artista renomado e de reconhecido valor”), destinadas efetivamente a interlocutores existentes, e oferecem grandes contribuições à teoria e à crítica literárias e aos Estudos da Tradução. Vale ressaltar também que, sendo o tradutor, segundo Calvino, o terceiro agente na tarefa da tradução, ao trinômio “[...] autor-tradutor-leitor, a síntese entre fidelidade e liberdade, [que] Leopardi apresenta [como] uma das mais fecundas contribuições para a tradutologia [...]” (GUERINI, 2007, p. 152), ele propõe o quadrinômio “autor-editor-tradutor-leitor” (MOYSÉS, 2010, p. 320).

Diferentemente de Leopardi (circunscrito em solidão), Calvino tem a oportunidade de viver as quatro situações por conta da vida literária marcada, sobretudo, pela atividade editorial na Einaudi. A editora representa seu vínculo com o mundo por trinta e seis anos:² exerce o papel de tradutor no próprio trabalho; vive como autor uma parceria crítico-colaborativa com seus tradutores; como editor, é colaborador e/ou revisor de traduções; como leitor, reconhece o peso das ações dos outros três agentes para a fruição da leitura, além de praticar a crítica literária, que inclui a crítica da tradução (MOYSÉS, 2010, p. 320).

² O vínculo de Calvino com a Einaudi se estabelece de 1947 a 1983: como funcionário a partir de 1º abril de 1950 e como diretor de 1º janeiro 1955 a 30 junho de 1961. Desse período em diante, trabalha como consultor editorial, o que não o impede de dedicar-se ao amplo projeto *de Centopagine* (CALVINO, 1991, p. IX).

Como editor, Calvino é encarregado da direção de *Centopagine*, o que significa lidar com as quatro instâncias de seu quadrinômio. No texto de apresentação da coleção, ele explicita o gênero de livro que pretende incluir na coleção:

“Centopagine” è una nuova collezione Einaudi di grandi narratori d’ogni tempo e d’ogni paese, presentati non nelle loro opere monumentali, non nei romanzi di vasto impianto, ma in testi che appartengono a un genere non meno illustre e nient’affatto minore: il “romanzo breve” o il “racconto lungo” (CALVINO, 2001i, p. 1718).

Nesse texto, além de Calvino reafirmar sua predileção pela narrativa breve (“[...] *anche una storia che resti aperta [deve] condensare in un breve spazio narrativo tutti gli elementi che danno un senso compiuto alla storia [...]*” (CALVINO, 2001a, p. 1406), declarará na carta de 13 de novembro de 1979, destinada ao matemático, pedagogo e político Lucio Lombardo Radice, sobre *Se una notte d’inverno un viaggiatore*), as ações tradutórias necessárias à viabilização do projeto:

Già il catalogo Einaudi è molto ricco di ottime traduzioni di testi famosi da tempo introvabili sui banconi delle librerie e che in ‘Centopagine’ riavranno una loro sede naturale; [...] ma molte saranno le traduzioni nuove, in alcuni casi di opere mai pubblicate in Italia, e le proposte di titoli dimenticati o rari sui quali l’attualità dei nostri interessi getta una luce nuova (CALVINO, 2001i, p. 1718).

Calvino adianta seu interesse pelos grandes narradores russos e pelos clássicos do romance do século XIX e dos primórdios do século XX. É importante salientar que ele anuncia os primeiros títulos de literatura traduzida: *La sonata a Kreutzer* (*Krejerova sonata*, 1891) de Tolstói; *Le notti bianche* (*Belye Noči*, 1848) de Dostoiévski (segundo ele, os grandes títulos da antiga coleção Universale Einaudi); *Pierre e Jean* (*Pierre et Jean* 1887) de Maupassant; *Daisy Miller* (*Daisy Miller*, 1878-1879) de Henry James; *Storia di un fannullone* (*Aus dem Leben eines Taugenichts*, 1826) de Joseph von Eichendorff (“[...] *un gioiello del romanticismo tedesco che è uno dei libri più ilari e freschi che siano mai stati scritti*” (CALVINO, 2001i, p. 1719)). Além disso, informa o interesse em publicar clássicos para **releitura** e **novas descobertas** da literatura italiana (o primeiro é *Fosca* (1869) de Iginio Ugo Tarchetti, ao qual dedica boa parte da apresentação de *Centopagine*), que caracterizariam, segundo ele, o ineditismo da coleção (CALVINO, 2001i, p. 1719).

Ao todo, *Centopagine*³ reunirá 77 livros, cabendo à literatura italiana o percentual de 24,68% (dezenove títulos) e à literatura traduzida 75,32% (58 títulos).

³ No site da editora Einaudi (GIULIO..., 2013), não consta o catálogo completo da coleção. O acesso às informações é possível em sites de bibliotecas italianas como no da Biblioteca Nazionale Centrale di Roma (2013) e no da Wikipedia (2013).

A coleção confirma o planejamento de seu diretor, pois a literatura traduzida conta com quarenta títulos do século XIX, alcançando o percentual de 68,97%; os demais se distribuem pelos séculos XVI (dois títulos; 3,45%), XVII (três títulos; 5,17%), XVIII (seis títulos; 10,34%) e XX (sete títulos; 12,07%).

Fiel à idealização de *Centopagine*, a literatura estrangeira compreende onze títulos russos, dezoito franceses, onze do Reino Unido, dez americanos, sete alemães e um espanhol. Os autores com mais títulos publicados são Dostoiévski (cinco) e Tolstói (dois); Balzac (três) e Diderot (dois); Conrad (dois), Stevenson (dois) e Yeats (dois); Henry James (cinco).

Segundo Cadioli (1993, p. 148-9), somente dezoito das 58 traduções já faziam parte do catálogo da Einaudi. Mesmo no caso de traduções novas lançadas por outras editoras, para os escritores mais renomados, com raras exceções, as edições apresentam traduções e prefácios novos, não apenas por questões de direito, mas em virtude de “[...] *rinnovamento stilistico e interpretativo*”. Portanto, o novo esforço tradutório abrange 68,97% da literatura estrangeira da coleção, isto é, quarenta livros.

Calvino é o autor de oito introduções, sete das quais para as traduções em *Centopagine*: *Pierre e Jean* (*Pierre et Jean*, 1887) de Maupassant; *Daisy Miller* (*Daisy Miller*, 1878/1879) de Henry James; *L'uomo che corruppe Hadleyburg* (*The man that corrupted Hadleyburg*, 1899) de Mark Twain; *Ferragus* (*Ferragus, chef des Dévorants*, 1834) e *I piccoli borghesi* (*Les petits bourgeois*, 1856) de Balzac; *Il padiglione sulle dune* de Stevenson (*The Pavillon on the links* 1880/1882); *Due ussari* (*Dva gusara*, 1856) de Tolstói. Nessas, ele destaca as dimensões espaçotemporais dos autores e de suas obras, dentro do espírito de legibilidade que pretende incutir nos leitores, sem rigor acadêmico nos textos, que se inserem em edições econômicas. Para tanto, no texto de apresentação da coleção, ele revela o escopo de proporcionar uma “*angolazione moderna*” à leitura, com a presença dos paratextos: “[...] *introduzioni, scritte in gran parte espressamente da critici e scrittori italiani*” (CALVINO, 2001i, p. 1719).

Com suas introduções, fiel ao objetivo de “[...] *rispondere a un fondamentale bisogno di ‘materie prime’ [...]*” (CALVINO, 2001i, p. 1719), ele parece querer demonstrar, como escritor, o tipo de paratexto que pretende, pois observamos que os paratextos se apresentam como caracterizadores da coleção, como bem os define Falcetto (1988, p. 57-8):

Antidogmaticità, apertura, volontà di ricostruire senza perciò rimuovere l'inquietudine e la coscienza del negativo, rappresentano i caratteri principali di quell'atteggiamento che, tra l'altro, resta in parte tangibilmente consegnato alla felice iniziativa editoriale dei Centopagine.

Mas, surpreendentemente, o autor do ensaio *Tradurre è il vero modo di leggere un testo*, escrito para uma palestra em um congresso sobre tradução, ocorrido em Roma em 4 de junho de 1982 (CALVINO, 2001h, p. 1824-31), em suas introduções, não se atém às traduções ou aos tradutores. Exceto por uma indicação da fonte original para a tradução de *I piccoli borghesi* (*Les petits bourgeois*, 1856) de Balzac para *Centopagine*, por refutar o refazimento pelo escritor de folhetins Charles Rabou, encarregado pela viúva de Balzac (ele morreria em 1850) de concluir a obra, publicada em capítulos em jornal em 1854 e em volume em 1855. A nosso ver, a crítica calviniana atinge as raias do apócrifo – “[...] *come se fosse tutto di mano di Balzac, nonostante che la differenza di stile della parte finale fosse stridente [...]*” (CALVINO, 2001c, p. 788) – não obstante os motivos da intervenção de Rabou fossem evidentes, enquanto as quatro últimas páginas, encontradas no leito de morte do autor, são consideradas um **tesouro** para comparar “[...] *la stesura originale col tentativo di rifacimento lento e goffo di Rabou*” (CALVINO, 2001c, p. 788):

Oggi l'edizione Garnier a cura di Raymond Picard (su cui si basa la presente traduzione), condotta sui manoscritti e sulle bozze originali, stabilisce con certezza ciò che Balzac ha scritto. La continuazione fasulla non merita certo una riesumazione; [...] ma non è privo d'interesse il modo con cui Rabou aveva pensato di concludere la vicenda; ne darò perciò qualche cenno.

Calvino se confronta, embora numa situação diversa, com o velho dilema que movimenta a história da tradução, desde Cícero (106 a.C.– 43 a.C.), pois, como lembra Mounin (1965, p. 31), foi ele que estabeleceu o grande problema teórico que dominará a tradução por dois mil anos sobre a fidelidade ao texto ou ao pensamento contido no texto. Nesse caso, o texto de Rabou, segundo Calvino, não corresponde ao pensamento de Balzac.

O próprio Calvino se viu, em primeira pessoa, envolvido nesse dilema, como tradutor para o italiano das duzentas fábulas dialetais que compõem *Fiabe Italiane* (1956), diante da necessidade de escolher entre muitas variantes para a mesma fábula, como revela na introdução e nas notas, as quais, podemos afirmar, constituem um tratado sobre a tradução como prática e teoria, em que literalidade e criatividade poética se mesclam, como testemunham também suas cartas (MOYSÉS, 2010, p. 210). Dilema que, como tradutor, Calvino experimentou, não com a mesma facilidade de crítico e editor, e que, no caso do texto de Rabou, só se explicita pelo encontro dos manuscritos originais.

E o valor dos manuscritos originais, quando ausentes, evidenciam a tomada de posição de Calvino (2001f) como crítico, como demonstra na introdução a *Il padiglione sulle dune* (*The Pavillon on the links*, 1880/1882) de Stevenson, em que defende a importância do conto (Stevenson é um dos autores caros a Calvino, desde a infância) contra a crítica de M. R. Ridley, curador da edição (1962) para a

Everyman's Library. Ridley considera o conto falido, com personagens sem interesse para o leitor, exceto pela primeira redação, publicada no *Cornhill Magazine* (1880), mas, segundo Calvino (2001f, p. 975), “[...] *contrariamente alla regola che vuole si consideri definitiva l'ultima edizione corretta dall'autore [...]*”, a qual defende pelas características estilísticas de Stevenson que “[...] *attacca a scrivere con quel piglio secco e oggettivo, come si conviene a un racconto d'avventure*”. Porém, Calvino (2001f, p. 976) reconhece que argumenta com base em conjecturas, que “[...] *solo un'indagine sui manoscritti potrebbe confermare o smentire: dal confronto delle due stesure stampate l'unico dato sicuro che emerge è l'incertezza dell'autore*”.

Depreende-se dos dois casos, de Balzac e de Stevenson, que ninguém é onisciente, por isso parece-nos muito lúcida a visão de Umberto Eco (2003, p. 16-20) que, em seu livro *Dire quase la stessa cosa: esperienze di traduzione*, ao considerar a tradução literária como uma das formas da interpretação, chama a atenção para a busca da “intenção do texto”, o que o texto diz ou sugere em relação à língua de sua escrita e ao contexto cultural em que se deu, mas ao mesmo tempo exorta o necessário “*rispetto giuridico al detto altrui*”.

Pelos exemplos acima, podemos notar que as introduções de Calvino, além de possibilitarem novos estudos sob o ponto de vista da teoria e da crítica literárias, representam fontes valiosas para os Estudos da Tradução, no campo da recepção, pois, é preciso frisar, trazem análises reveladoras dos **motivos que levam às traduções** dos livros respectivos como meios para incluí-los no cânone de *Centopagine*.⁴

Como já assinalamos, o epistolário de Calvino é rico de contribuições aos Estudos da Tradução. Entre elas, há o testemunho da intensa troca epistolar que ocorre em razão de seu trabalho na direção de *Centopagine*, sobretudo para fazer valer os objetivos determinados para a coleção. Várias cartas revelam a preocupação constante de encontrar prefaciadores (críticos e escritores italianos) capazes de criarem textos livres de academicismo, como demonstra na carta de 26 de janeiro de 1972, destinada ao poeta e crítico literário Franco Fortini: “*Il mio problema è far fare le prefazioni dei russi, che dovrebbero essere la spina dorsale della collana, dato anche lo stock di traduzioni Einaudi di cui posso disporre*” (CALVINO, 1991, p. 588). Calvino insiste infrutiferamente com o escritor para a escrita da introdução de *Reparto n. 6* (1892) de Tchekhov, pois esse será publicado (1972) com uma longa nota introdutória do renomado crítico Vittorio Strada, embora Calvino (1991, p. 588) o considere alguém “[...] *che fa saggi documentati e anche importanti ma troppo lunghi e dotti per la sede*”.

Os bastidores do processo tradutório também se aclaram nas cartas calvinianas, como na de 5 de outubro de 1971, destinada ao crítico Vito Amoroso: “*Comunque*

⁴ As autoras estão desenvolvendo, junto à PGET (UFSC), pesquisa referente aos paratextos da coleção *Centopagine*.

il problema è avere delle traduzioni pronte; per ora la casa editrice mi fa fare la collana con le traduzioni che già abbiamo, o già pubblicate, o tenute in serbo nei nostri archivi” (CALVINO, 2001a, p. 1116).

Na carta de 14 de janeiro de 1972, destinada ao tradutor e crítico Sergio Perosa sobre o programa de *Centopagine*, Calvino (2001a, p. 1147) fala de sua preferência por *Cuore di tenebra* (*Heart of Darkness*, 1899) de Joseph Conrad: “[...] *potessi rilevare la bella traduzione di Alberto Rossi sepolta in un vecchio volume Sonzogno!*”. Seu desejo se realizará quanto ao tradutor, mas, quanto ao prefaciador, não. Tanto que, na carta de 28 de fevereiro de 1973, além de convidar o crítico Giuseppe Sertoli para a tarefa (que será aceita na publicação de 1974), ele elogia novamente a tradução de Alberto Rossi: “[...] *sto per pubblicare in ‘Centopagine’ la bella traduzione di Alberto Rossi che uscì quarantacinque anni fa nascosta sotto la popolare copertina rossa della ‘Romantica Mondiale’ Sonzogno*” (CALVINO, 2001a, p. 1200).

Observamos que, na sutileza do texto epistolar, encontram-se contribuições importantes para futuras pesquisas: a tradução literária também passa pela mobilidade canônica, pois é instrumento de leitura e releitura do original, através dos tempos. O conto de Conrad será publicado na tradução de Alberto Rossi, em 1974. Essa carta aponta para uma possibilidade de estudo comparado, com o foco em uma tradução que, embora realizada há quase meio século de sua segunda publicação, ainda se encontra dinâmica, sobretudo, com o aval de Calvino.

Mas há também a contrapartida sob o ponto de vista negativo, isto é, traduções ruins. A carta de 7 de novembro de 1973, destinada a Sergio Perosa, é um desabafo pela falta de bons tradutores para os livros de Henry James:

[...] le traduzioni di cui dispongo sono un disastro; la revisione equivale a ritradurre; un revisore che sappia farlo non ce l’ho; di mettermi io chissà quando avrò il tempo. [...] quando usciranno i libri proprio non so dirglielo. Ho la collana ferma, tra testi mal tradotti da rivedere, e testi pronti ma i cui prefatori tardano (da anni) a consegnare (CALVINO, 2001a, p. 1220).

De fato, Perosa será o prefaciador de *Il riflettore* (*The reverberator*, 1888), *Una vita londinese* (*A london life*, 1888 e 1889) e *La fonte sacra* (*The sacred fount*, 1901), publicados em *Centopagine*, respectivamente nos anos 1976, 1983 e 1984, o que confirma o elogio: “*Con Lei avevo lo straordinario miracolo del prefatore veloce: e mi mancano i testi*” (CALVINO, 2001a, p. 1220). E observamos como a atividade tradutória ocupava a mente e os anseios de Calvino, quando ele reclama a necessidade da **tradução como matéria de estudos acadêmicos**, como se pode observar no desabafo final a Perosa: “[...] *se l’Università riuscisse a preparare dei buoni traduttori, e dei buoni revisori di traduzioni... Ma questi sono sogni*” (CALVINO, 2001a, p. 1220).

Mas a história de *Centopagine* registra também os bons resultados de parcerias, como respostas afirmativas às constantes solicitações de sugestões de títulos a publicar e de redações de prefácios (inclusive para os clássicos da literatura italiana): como Calvino demonstra na carta de 23 de março de 1978, destinada ao crítico Michele Rago, o qual empreendera um gigantesco trabalho para a publicação (1979) de *Jacques il fatalista e il suo padrone* (*Jacques le fataliste*, 1796) de Diderot:

[...] ti dico tutta la riconoscenza mia e della casa editrice per la cura e la passione con cui hai lavorato. [...] Mi sono reso conto dell'importanza della tua revisione e annotazione del testo. E ho letto l'introduzione che è quasi un commento analitico, nonché la utilissima nota sulla fortuna critica, tutto questo mi pare farà dell'edizione un testo che può efficacemente servire all'università (CALVINO, 2001a, p. 1372).

Vale ressaltar, além disso, que Rago havia aperfeiçoado e revisado a tradução incompleta de Glauco Natoli, publicada pela Einaudi em 1944, portanto 35 anos antes. Esse fato serve para ampliar nossas reflexões sobre a vida temporal das traduções: há as impublicáveis, das quais Calvino tanto se queixa; as clássicas, como a de Alberto Rossi (*Cuore di Tenebra* de Conrad); as revigoradas, como a de Glauco Natoli (*Jacques il fatalista e il suo padrone* de Diderot) que, embora conserve seu nome, é devida a Rago, o qual, além da escrita dos paratextos, cumpre aqui duas funções do quadrinômio calviniano: as de tradutor e revisor, ficando essa edição marcada por informações valiosas para os estudos comparatistas no campo da tradução literária. Por esse motivo, como afirma Calvino (2001a, p. 1372) na carta citada, “[...] *può efficacemente servire all'università*”.

Consideramos relevante registrar que, dentre os 58 livros estrangeiros de *Centopagine*, dezessete foram traduzidos por escritores e/ou poetas (29,31%); seis por críticos literários e/ou acadêmicos (10,34%); 35 por tradutores (60,34%) sem qualquer breve biografia na Rede, cujos nomes constam apenas das respectivas fichas bibliográficas dos catálogos das bibliotecas, o que reitera a ideia da “invisibilidade do tradutor” (VENUTI, 1995), tema para outro artigo.

Com relação à quase ausência de comentários sobre traduções e tradutores nas introduções da autoria de Calvino, notamos que, entre os sete tradutores, apenas um é escritor: Bruno Fonzi, tradutor de *L'uomo che corrompe Hadleyburg* (*The man that corrupted Hadleyburg*, 1899) de Mark Twain, publicada em 1972, cuja obra tradutória percorre grandes clássicos ingleses e franceses e é bem mais ampla que a de narrador. Os demais, como a maioria do conjunto de tradutores de *Centopagine*, não se encontram sequer com breves biografias na Rede, exceto as fichas bibliográficas respectivas, nos catálogos das bibliotecas.

Mas não significa que não sejam traduções competentes, pois não teriam passado pelo crivo de Calvino. Talvez a omissão resulte do empenho por introduções dirigidas ao leitorado mais amplo da Einaudi, não aos estudiosos interessados nos meandros da tradução. Calvino nutria consideração pela tarefa dos **bons tradutores**, como atesta em suas cartas e ensaios. Tanto que, na carta de 1º de abril de 1963, destinada ao crítico e tradutor Franco Quadri, Calvino (2001a, p. 858-9) revela sua preocupação com a visibilidade do tradutor, antecipando as teorias de Venuti, pois, ao valorizar o bom tradutor que merece honrarias como a do próprio nome inscrito no frontispício da obra traduzida, critica o papel dos editores cúmplices do tradutor medíocre e deixa claro que, naqueles tempos, os gráficos faziam sozinhos o trabalho de paginação e, assim, muitas vezes, o tradutor ficava esquecido.

Ainda no ano de 1963, portanto oito anos antes de *Centopagine*, a carta-ensaio escrita entre 10 e 15 de outubro é endereçada à revista *Paragone* (publicada com o título “*Sul tradurre*”, hoje também em *Saggi* (CALVINO, 2001g, p. 1776-86), como o protesto de Calvino (2001a, p. 756), como “*collaboratore di casa editrice*”, contra as críticas de Claudio Gorlier à tradução de Adriana Motti para *Passage to India* (1924) de E. M. Forster, “[...] *per rendere giustizia a una delle nostre traduttrici migliori*”. Ele também reafirma o papel da editoria: a escolha de livros estrangeiros deve ser uma troca entre as partes envolvidas: “[...] *la letteratura straniera ci dà un autore e noi le diamo la nostra elezione, la nostra conferma, che è pure un ‘valore’ proprio in quanto è frutto d’un gusto e d’una tradizione diversi*” (CALVINO, 2001a, p. 766). Além disso, o trabalho editorial deve propor perspectivas não óbvias, longe das hierarquias canônicas (daí a ideia de cânone aberto), ou seja, é o livro traduzido a dar fama, ou não, ao seu autor em âmbito internacional.

As preocupações e as alegrias de Calvino com a sua coleção de clássicos valem para leitores e estudiosos como um aprendizado para “[...] *considerare il ‘classico’ come un valore di incontro o di esperienza, e non con il fastidio di un dovere. Questo possiamo tentare di farlo tutti, nelle scuole, nelle università, nelle case editrici, ma soprattutto a casa nostra*” (FRANCO, 1988, p. 102-5). Poderíamos acrescentar, no caso de quase 70% de *Centopagine*, isso só é possível graças à tradução literária.

Os objetivos de Calvino, ao inventar uma **biblioteca ideal** com os 77 clássicos do único projeto editorial sob sua direção, materializando a ideia do cânone móvel, apontam para a experiência individual de cada leitor (ou do **Leitor** e da **Leitora**, para lembrar as vicissitudes dos personagens centrais do romance (breve) *Se una notte d’inverno un viaggiatore* (CALVINO, 2004), no qual a tradução, com seus erros e acertos é a protagonista).

Parecem-nos também muito apropriadas as suas sugestões de títulos, pois uma coleção de “grandes narradores” pressupõe aspectos que reportam, metafórica e

etimologicamente, aos nomes informados na carta a Giulio Einaudi. Nomes que, fato importante, são respectivamente traduções do grego, do latim e do árabe, o que nos permite supor alguns substantivos compostos para vislumbrarmos o alcance dessas escolhas: uma coleção com **livros-poliedros** vindos de vários lugares ou degraus e que possuem muitas faces; ou com **livros-supernovas** com um brilho novo e uma luminosidade excepcional (será por conta da explosão da biblioteca?) até o retorno ao brilho primitivo dos originais; ou **livros-azimutes** indicadores de caminho, de direção, multiplicadores de pontos no horizonte da leitura. Ou seja, **livros clássicos**.

GUERINI, A.; MOYSÉS, T. M. The classics and the literary translation in *Centopagine* by Italo Calvino. **Itinerários**, Araraquara, n. 38, p. 89-103, jan./jun., 2014.

■ **ABSTRACT:** *The aim of this study is to present the literary translation of the classics included in Centopagine, an editorial project (1971-1985), directed by the Italian writer Italo Calvino (1923-1985) for the Einaudi publishing house in Turin, to highlight them as an essential tool for creating a literary canon. Those are “short novels” or “long stories”, which were mainly written by great authors of the nineteenth century.*

■ **KEYWORDS:** *Literary translation. Classics. Canon. Centopagine. Italo Calvino.*

Referências

BIBLIOTECA NAZIONALE CENTRALE DI ROMA. Disponível em: <<http://www.bncrm.librari.beniculturali.it/>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

CADIOLI, A. Le “materie prime” dell’esperienza narrativa. Italo Calvino direttore di “Centopagine”. In: CLERICI, L.; FALCETTO, B. (Org.). **Calvino & l’editoria**. Milano: Marcos y Marcos, 1993. p. 141-65.

CALVINO, I. **I libri degli altri**: lettere 1945-1981. A cura di Giovanni Tesio. Nota di Carlo Fruttero. Nota al testo di Giovanni Tesio. Torino: Einaudi, 1991.

_____. **Lettere 1940-1985**. A cura di Luca Baranelli. Introduzione di Claudio Milanini. Cronologia a cura di Mario Barenghi e Bruno Falcetto. Avvertenza di Luca Baranelli. 2. ed. Milano: Mondadori, 2001a.

_____. **Saggi 1945-1985**. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3. ed. Milano: Mondadori, 2001b. 2 v.

_____. Honoré de Balzac, *I piccoli borghesi*. In: _____. **Saggi 1945-1985**. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3. ed. Milano: Mondadori, 2001c. v. 1. p. 782-9.

_____. Lezioni americane: Sei proposte per il prossimo millennio. In: _____. **Saggi 1945-1985**. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3. ed. Milano: Mondadori, 2001d. v. 1. p. 627-753.

_____. Perché leggere i classici. In: _____. **Saggi 1945-1985**. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3. ed. Milano: Mondadori, 2001e. v. 2. p. 1816-24.

_____. Robert L. Stevenson, *Il padiglione sulle dune*. In: _____. **Saggi 1945-1985**. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3. ed. Milano: Mondadori, 2001f. v. 1. p. 972-6.

_____. Sul tradurre. In: _____. **Saggi 1945-1985**. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3. ed. Milano: Mondadori, 2001g. v. 2. p. 1776-86.

_____. Tradurre è il vero modo di leggere un testo. In: _____. **Saggi 1945-1985**. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3. ed. Milano: Mondadori, 2001h. v. 2. p. 1825-31.

_____. Una nuova collana: i “Centopagine” Einaudi. In: _____. **Saggi 1945-1985**. A cura di Mario Barenghi. Introduzione di Mario Barenghi. 3. ed. Milano: Mondadori, 2001i. v. 2. p. 1718-20.

_____. Se una notte d’inverno un viaggiatore. In: _____. **Romanzi e racconti**. A cura di Mario Barenghi e Bruno Falchetto. Edizione diretta da Claudio Milanini. Introduzione di Claudio Milanini. Milano: Mondadori, 2004. v. 2. p. 611-870.

ECO, U. **Dire quasi la stessa cosa**: esperienze di traduzione. Milano: Bompiani, 2003.

FALCETTO, B. Fiaba e tradizione letteraria. In: FRIGESSI, D. (Org.). **Inchiesta sulle fate**: Italo Calvino e la fiaba. Atti del Convegno promosso dal Comune di S. Giovanni Valdarno (Arezzo) [1988]. Premessa di Stefano Beccastrini. Presentazione di Cesare Segre. Bergamo: Pierluigi Lubrina Editore, 1988. p. 39-60.

FERRETTI, G. C. Le avventure del lettore. In: BERTONE, G. (Org.). **Italo Calvino**: a writer for the next millennium. Atti del Convegno Internazionale di Studi (Sanremo, 28 nov. 1996-1 dic. 1996). Torino: Edizioni dell’Orso, 1998. p. 79-91.

FRANCO, E. Poetica in Centopagine. In: BERTONE, G. (Org.). **Italo Calvino: a writer for the next millennium**. Atti del Convegno Internazionale di Studi (Sanremo, 28 nov. 1996-1 dic. 1996). Torino: Edizioni dell'Orso, 1998. p. 99-105.

GIULIO EINAUDI EDITORE. Disponível em: <<http://www.einaudi.it/>>. Acesso em: 20 nov. 2013.

GUERINI, A. **Gênero e tradução no Zibaldone de Leopardi**. São Paulo: Edusp; Florianópolis: UFSC/PGET, 2007.

LEOPARDI, G. **Zibaldone di Pensieri**. A cura di Giuseppe Pacella. Milano: Garzanti, 1991. 3 v.

MOUNIN, G. **Teoria della traduzione**. Traduzione di Stefania Morganti. Torino: Einaudi, 1965.

MOYSÉS, T. M. **Lettere e i libri degli altri: lições de literatura na biografia intelectual de Italo Calvino**. 2010. 368f. Tese (Doutorado em Literatura) – Centro de Comunicação e Expressão, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 2010.

MUZZIOLI, F. **Le teorie della critica letteraria**. 2. ed. Roma: Carocci Editore, 2005.

VENUTI, L. **The translator's invisibility: a history of translation**. London; New York: Routledge, 1995.

WIKIPEDIA. **Centopagine**. Disponível em: <<http://it.wikipedia.org/wiki/Centopagine>>. Acesso em 20 nov. 2013.

Recebido em 29/10/2013

Aceito para publicação em 23/05/2014



